

INFORME ESPECIAL



JULIANA BUBLITZ

informa.esp@zerohora.com.br
Instagram: @j.bublitz Twitter: @j_bublitz

Textos cruéis

Não são só os textos que você lê no jornal e as imagens circulando na TV e na internet: a vida tem sido cruel com os gaúchos nos últimos dias. Está difícil enfrentar (e também relatar) a catástrofe climática que vivemos. Quando vê a imagem abitaio, cheia de sobreviventes, travei.

A fotografia foi feita no fim de semana por uma de nossas mais talentosas diagramadoras, Taciara Penetta, com quem conheci muito de perto, mesmo de longe. Taci mora em Lajeados, no Vale do Taquari, de onde trabalha a distância, ajudando a montar as páginas de Zero Hora, inclusive a minha coluna. Ela tem sido testemunha recente (e também vítima) das enchentes que, desde 2022, fustigam a região.

Nenhuma delas foi tão arrasadora como a atual. Desta vez, por precaução, Taci saiu de casa com seus bichos, como milhares de outros gaúchos e gaúchas no Estado,

para evitar o pior.

Mesmo afetada pela crise, ela decidiu, a exemplo de tanta gente preocupada com o bem comum, ajudar quem estava em situação pior. Foi doar sangue. No caminho, no centro da cidade, viu residências reviradas, lojas destruídas e dezenas de livros na calçada, danificados pela fúria do Rio Taquari. Os exemplares eram parte do acervo da Biblioteca Pública Municipal, que, apesar de tudo, resistiu.

Diante de tantas vidas perdidas, os livros cobertos de lama são o "de menos", é verdade. Mas são mais uma faceta da tragédia sem precedentes que ainda está sendo contada e que, infelizmente, não termina.

Registrar as histórias cruéis é necessário para que elas jamais sejam esquecidas e, principalmente, para auxiliar mudanças. Como prevenir novas catástrofes? Esta é a pergunta que precisa ser respondida a partir de agora.



VÍTIMA DO CLIMA, A BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL JOÃO FREDERICO SCHAAN, DE LAJEADOS, FEZ 83 ANOS EM 2024. GRAÇAS AO ESAZUAMENTO PRÉVIO DO SUBSOLO, SÓ UMA PEQUENA PARTE DOS 27,2 MIL TÍTULOS FOI AFETADA.

Olhar de agradecimento



Transformado em abrigo para pessoas salvas da enchente no Guaíba, o ginásio da Academia de Polícia Militar, em Porto Alegre, também recebeu animais resgatados da inundação. Muitos deles chegaram com os tutores. Outros, sem ninguém.

Quando o soldado Diego Pires Maia, do Comando de Polícia de Choque da BM, entrou no espaço destinado aos bichos, o

cão cor-de-caramelo das fotos acima latia em cumprimento, como se agradecesse - o momento foi registrado pelo fotógrafo Rodrigo Ziebell, que também é soldado da BM.

Maia e os colegas estavam entregando sacos de ração e outros itens doados por voluntários, movidos pela onda de solidariedade que tomou o Rio Grande do Sul.

- Tenho quatro cães, gosto

muito de cachorros. Ele me olhou e percebi isso. Latia e estendeu a pata. Eu não resisti. As pessoas nos veem fardados e pensam que, por atuar na Polícia de Choque, somos truculentos, mas atrás da farda tem um ser humano - diz Maia.

Caramelo estava sozinho no local. O soldado pretende voltar a vê-lo. Se não for possível encontrar a família do cão, sem lar Caramelo não vai ficar.

A mais rica, desde que de pé

O momento não poderia ser mais emblemático. Conhecia por destacar as maiores fortunas do planeta, a capa da revista Forbes da última semana, no Brasil (ao lado), elegia a Amazônia como "a mais rica do mundo", em uma ação da Natura - marca brasileira que virou referência em bioinovação.

Avaliado pelo Banco Mundial em US\$ 317 bilhões, o patrimônio da floresta amazônica de pé (que fique bem claro) ultrapassa o de qualquer bilionário, graças a sua

biodiversidade (25% da riqueza biológica terrestre). Em tempos de emergência climática e de catástrofes sem precedentes, como a que vivemos no Rio Grande do Sul, vale a reflexão.

Precisamos pensar e cuidar mais das nossas áreas verdes, e não só na Amazônia.

O processo de desenvolvimento tem de caminhar junto com a conservação. Isso vale, inclusive, para as nossas cidades. Plantar mais árvores e preservar a vegetação que ainda resiste é um bom começo.



Peixes no Centro

Quando a gente imaginou que veria peixes em pleno calçamento da Praça da Afândega, no centro da Capital? O fotógrafo Maxi França estava trabalhando na região, ao lado do repórter André Malinowski, de Zero Hora, quando os dois perceberam um filhote de mandi saltando no lugar onde, em dias comuns, circulam milhares de pessoas.



